

Maior usina nuclear da Europa pega fogo; Ucrânia acusa Rússia



Iluminador é lançado sobre estacionamento da usina nuclear de Zaporizhzhia

Ataque russo inicia incêndio na maior usina nuclear da Europa, diz Ucrânia

Caso deixa evidentes riscos do conflito; Kiev afirma que radiação no local está sob controle

Igor Gielow

SÃO PAULO Um ataque de forças russas para tentar tomar a usina nuclear de Zaporizhzhia, a maior da Europa, iniciou um incêndio na unidade na madrugada desta sexta (4), fim da noite de quinta no Brasil.

Segundo a agência de notícias russa RIA-Novosti, o chanceler ucraniano, Dmytro Kuleba, pediu para o ataque ser interrompido sob risco de criar uma explosão com impacto potencialmente dez vezes maior do que o do acidente na usina nuclear de Tchernôbil, ocorrido na Ucrânia ainda soviética em 1986.

A direção da usina disse à agência não haver risco imediato de contaminação nuclear. O Serviço Estatal de Emergência da Ucrânia disse que as condições de radiação e incêndio na instalação estavam "dentro dos limites normais".

O reator que explodiu há 35 anos tinha sete vezes menos capacidade de produção do que os seis combinados da usina sob ataque, mas isso não serve necessariamente para fazer uma comparação de potencial em caso de desastre.

Imagens de sistemas de segurança ainda não permitem estabelecer se o fogo visível em tela ocorre em algum ponto sensível, capaz de liberar radiação ou, pior, levar ao derretimento ou explosão do núcleo de algum dos reatores.

Uma coisa é certa, contudo: instalações nucleares não combinam com tiros e, as imagens claramente mostram rastros de disparos de armas de grande calibre contra a instalação. É um vídeo divulgado pelo jornal Novaya Gazeta, de Moscou, mostra iluminadores sendo lançados contra a usina —sugerindo um ataque de soldados.

Os russos, entrando em seu nono dia de invasão da Ucrânia, vinham cercando Zaporizhzhia havia dois dias. O prefeito da cidade ucraniana que abriga a usina, Enerhodar, havia dito no fim da tarde de quinta-feira que havia uma grande concentração de soldados de Moscou rumo à região.

Desde a terça (1ª), funcionários da usina e moradores

Ataques russos na Ucrânia

- Reivindicado por separatistas, mas sob domínio ucraniano
- Sob domínio dos separatistas russos étnicos e agora reconhecidas por Moscou
- Ocupado por tropas russas
- Ataques relacionados
- Incursoes militares russas relacionadas



havam fechado o acesso do local a blindados russos, que deram meia-volta. Não é a primeira usina nuclear envolvida em combates nessa guerra. Já no segundo dia da operação, na sexta-feira passada (25), os russos começaram a combater na região de Tchernôbil e tomaram o local no fim de semana. Ali a usina segue em operação para manter o controle sobre o reator que explodiu em 1986 sob um sarcófago de chumbo, que segura as emissões radioativas. De acordo com especialistas militares russos, o temor dos invasores era de alguma ação de sabotadores para atacar os invasores ou fazê-los culpados por um eventual vazamento radioativo. Ao fim, apenas a agitação do solo contaminado levou a um aumento temporário dos níveis de radiação local. Agora é diferente. Zaporizhzhia, construída entre 1985 e 1989, é o maior complexo do tipo na Europa. Tem seis reatores do tipo VVER, modelos bastante mais seguros do que os RBMKs usados em Tchernôbil. Mas não é desenhado para receber tiros ou bombas. Cerca de 25% da energia ucraniana é fornecida pela usina, o que também a torna um ativo central para qualquer força invasora ou defensora. Apesar do tom alarmista de Kuleba, ainda não é possível determinar se o fogo visível em imagens coloca a usina de fato em risco de explosão. Ela, inclusive, teoricamente deveria ser desligada assim que um incidente desses ocorresse. Segundo sua direção disse à RIA-Novosti, o incêndio foi num prédio de treinamento, afastado da área de risco nuclear, e os protocolos de segurança foram acionados. O Ministério da Defesa russo vinha dizendo, nesses dias antes do ataque, que buscava controlar os ativos nucleares ucranianos para evitar o risco de acidentes. Há quatro usinas nucleares no país invadido. Questionada, a Agência Internacional de Energia Atômica, que passara o dia fazendo alertas sobre os riscos da guerra em região tão sensível, disse apenas que está a par do problema e pediu informações a Kiev. Seu diretor, o argentino Rafael Grossi, havia sugerido que técnicos da agência ligada à ONU poderiam operar de forma neutra o lugar. Amemória coletiva ucraniana sobre o acidente em Tchernôbil é outro ponto. O desastre mostrou vários aspectos de degradação administrativa da União Soviética, que acabaria cinco anos depois. Maior tragédia nuclear civil ao lado da ocorrida em Fukushima, no Japão, em 2011, Tchernôbil matou para ascostas russas 28 pessoas e talvez 14 mais indiretamente. A ONU fala em cerca de cem, e ativistas contrários à energia atômica especulam até 4.000 vítimas da contaminação. Ela se espalhou em forma de nuvem por toda a Europa, gerando pânico internacional e obrigando os soviéticos a admitir a extensão do problema.

Ricardo Scarpa

ESTAMOS HA' 9 DIAS SEM RESOLVER AS COISAS PACIFICAMENTE. NOSSO RECORDE É DE 0 DIAS.



Moscú e Kiev acertam corredores humanitários sob cessar-fogo

SÃO PAULO A Rússia e a Ucrânia concordaram em estabelecer os chamados corredores humanitários em regiões sob ataque de Moscou na invasão que completou uma semana na quinta (3).

Para tanto, haverá cessar-fogo áreas do país. O acordo, ainda sem detalhes claros, foi anunciado pelas delegações russa e ucraniana que se reuniram na Belarus.

É a primeira tentativa de dar algum encaminhamento diplomático ao conflito, que segundo a Ucrânia já matou mais de 2.000 civis.

Para marcar a efeméride da ação, o presidente Vladimir Putin foi à TV pela primeira vez dar resposta pública às críticas que sofre.

Disse que a ação militar corre "de acordo com o plano" e também admitiu o "sacrifício" de seus militares. Prometeu dar 7 milhões de rublos (R\$ 330 mil) e ajuda mensal às famílias dos combatentes mortos, a que chamou de heróis.

Já o presidente ucraniano, Volodymyr Zelenski, afirmou em entrevista que o único modo de "frear a guerra" é se encontrar diretamente com o líder russo.

Os corredores, ou zonas de segurança, implicam cessar-fogo, algo que, como visto na guerra da Bósnia nos anos 1990, é um instrumento muito precioso. Além disso, podem ser utilizados para desocupar áreas de civis potencialmente hostis a invasores.

Uma variante da tática foi vista na guerra civil síria, quando Putin interveio para salvar a ditadura aliada de Bashar al Assad. Ali, as forças russas montaram um destrutivo cerco a Aleppo para desentocar radicais islâmicos. Num dado momento, ofertaram corredores humanitários para que os remanescentes fossem embora da cidade.

O movimento facilita a eventual ocupação militar. No sul ucraniano, o cerco que se forma a Mariupol, último bastião que impede a ligação terrestre entre o Donbass, área ao leste dominada desde 2014 por rebeldes pró-Rússia, e a Crimeia, anexada em 2014, sugere um ataque potencialmente devastador à cidade.

A retirada eventual dos civis de lá pode favorecer o plano presumido de Putin de remover a área da soberania ucraniana. Seria melhor do que matar milhares dos 500 mil habitantes.

Ainda não se vê algo assim em Kiev, a capital de 3 milhões de habitantes, embora lá o cerco esteja acionado a cerca de 25 km. As duas delegações concordaram em uma terceira rodada de negociações, iniciadas na segunda (28).

Para os que preveem um recrudescimento da ação, a fala de Putin na TV não foi bom sinal. "Vamos destruir essa anti-Rússia [a Ucrânia] criada pelo Ocidente".

Zelenski, do seu lado, repetiu o que vem dizendo: que se o Ocidente não enfrentar o risco de uma guerra com a Rússia estabelecendo uma zona de exclusão aérea sobre seu país, nações como os ex-soviéticos Estados Bálticos serão os próximos invadidos.

No começo da quinta, Putin havia falado com o presidente Emmanuel Macron, da França. O francês também ligou para Zelenski.

Segundo o Palácio do Elysee, o russo disse a Macron que seguiria na ofensiva, e o francês avaliou então que "o pior está por vir". Ig

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo **Caderno:** A **Página:** 9